

## LITERATURA GAY: MANUAL PARA SE TORNAR UM HOMOSSEXUAL RESPEITÁVEL

### GAY LITERATURE: A HANDBOOK TO BECOME A RESPECTABLE HOMOSEXUAL

**Sayonara Amaral de Oliveira**

Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

sayo22@terra.com.br

**Mayana Rocha Soares**

Universidade Federal da Bahia (UFBA/IHAC)

myrs\_84@hotmail.com

**Resumo:** *O presente trabalho visa refletir sobre a “literatura gay” comercializada no mercado editorial contemporâneo, abordando três exemplares específicos dessa produção literária: O terceiro travesseiro (1998), de Nelson de Carvalho; Longa carta para Milla (2006), de Andrea Ormond; e No presente (2008), de Márcio El-Jaick. Na reflexão proposta, problematiza-se a concepção de uma identidade homossexual essencializada, a qual, em nome de uma política afirmativa para a população LGBT\*, acaba por recalcar outras sexualidades dissidentes, que não se adequam ao perfil instituído do homossexual respeitável. Embora se reconheça a importância da chamada literatura gay para a constituição de um cânone alternativo no interior de uma cultura que ainda é hegemonicamente heterossexual e masculina, considera-se que os projetos identitários veiculados por boa parte dessa literatura continuam a atender ao padrão sexual heteronormativo do qual almejam escapar.*

**Palavras-chave:** *Literatura gay; Mercado editorial; Sexualidade; Heteronormatividade.*

**Abstract:** *This paper aims to reflect on “gay literature” commercialized in contemporary publishing market, deal with three specific examples of this literary production: O terceiro travesseiro (1998), Nelson de Carvalho; Longa carta para Milla (2006), Andrea Ormond; and No presente (2008), Márcio El-Jaick. In this proposed reflection, the conception of an idealized homosexual identity is debated which in the name of an affirmative policy for the LGBT\* population, emphasizing other dissident sexualities that do not adapt to the established profile of the respectable homosexual. Although recognizing the importance of gay literature to the alternative canon constitution within a culture that is still hegemonically heterosexual and masculine, it is considered the identity projects conveyed by a good part of this literature continue to attend a heteronormative sexual template which they have craved to escape.*

**Keywords:** *Gay literature; Editorial market; Sexuality; Heteronormativity.*

Contemporaneamente, com vistas a fomentar e atender uma demanda do mercado, oriunda de um público específico e cada vez mais numeroso, cresce o espaço no circuito editorial para produções da chamada “literatura gay”, as quais são assim nomeadas por trazerem temáticas homoafetivas ou LGBT\*<sup>1</sup> abordadas por escritores e escritoras homossexuais, a partir de seus relatos identitários. Em linhas gerais, os assuntos mais comuns nessas produções, tanto no segmento adulto quanto no infante-juvenil, são a “descoberta” da homossexualidade, as dificuldades de assumir-se gay ou de “sair do armário”, a violência homofóbica, o sofrimento causado pela família e amigos e, principalmente, as histórias de amor vivenciadas por homossexuais.

As estratégias empregadas pelas casas editoriais para o desenvolvimento desse nicho mercadológico tornam-se a cada dia mais diversificadas e promissoras, dado o crescente avanço

---

1 É importante lembrar que a sigla LGBT\* (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), de largo uso na atualidade, provém de um movimento social organizado em defesa dos homossexuais, o qual surgiu no contexto brasileiro em fins da 1970, quando a ditadura militar começou um processo gradual de abertura política e oportunizou, assim, condições para o florescimento desses novos atores políticos – os movimentos sociais (MISKOLCI, 2011, p. 40). Obs.: Na grafia da sigla LGBT\*, adota-se o símbolo do asterisco na letra T\*, a fim de assinalar a diversidade de identidades que tal letra abriga – Travestis, Transexuais e Transgêneros.

tecnológico e as facilidades de promoção daí decorrentes. Os livros podem ser distribuídos tanto na versão impressa, em lojas físicas, quanto no formato de *e-book* – suporte através do qual a temática LGBT\* mais tem sido consumida no país –, em lojas virtuais como a *Amazon Brasil*. A *Index Book Editora*, fundada na Espanha, em 1993, é especializada na comercialização de *e-books*, além de oferecer outros serviços editoriais e gráficos. Em apenas dois anos, vendeu mais de 50 mil *downloads* de literatura com temática gay em muitos países. E, segundo a editora, o Brasil é o país com maior público consumidor, pois representa quase 80% dos *downloads* realizados, seguido de Portugal, Estados Unidos, Alemanha e França (EDITORA DE LITERATURA..., 2014).

Como mostra do crescimento dessas produções no mercado livreiro, em uma matéria de 2014, o jornal on-line *O Globo* apresentou o *boom* da “literatura gay” direcionada ao público infantojuvenil no Brasil. De acordo com a matéria, as produções norte-americanas ainda são as que ocupam maior espaço nos catálogos das grandes editoras comerciais, a exemplo da Companhia das Letras, da Rocco e da Record, bem como nas prateleiras das maiores livrarias e nos *rankings* de vendas. Caso exemplar é o do livro *Garoto encontra garoto*, de David Levithan, publicado no Brasil pela Editora Record, que narra a história de dois garotos que se apaixonam. O livro é apontado como um grande sucesso de público, tendo alcançado um excelente índice de vendas no país, com mais de 70 mil cópias comercializadas.

Ainda que as traduções estrangeiras representem a maior fatia desse mercado, algumas produções nacionais não ficam atrás no quesito do êxito comercial e notoriedade. Em 2011, o romance *No presente*, publicado pela Editora Summus e escrito por Márcio El-Jaick, que narra o processo de “saída do armário” de um menino, foi adquirido pelo Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE), do Governo Federal. O livro ganhou popularidade na época, por ter sido o primeiro romance com conteúdo homoafetivo a ser integrado ao PNBE e cujos exemplares foram alocados em escolas da Educação Básica por todo o país. É fundamental ressaltar a importância dessa ação para a visibilidade da literatura de temática LGBT\* numa dimensão institucional, posto que o setor governamental é o que mais adquire literatura de ficção impressa no país (SCHOLLHAMMER, 2009).

Conforme observado por Roberto Muniz Dias (2013), no Brasil, existem poucas editoras que se ocupam de publicar e divulgar especificamente a literatura direcionada à temática LGBT\*. Até o ano em que concluiu o seu estudo, 2013, o pesquisador contabilizou apenas quatro num universo de 498 editoras nacionais. Hoje, contudo, podemos registrar o surgimento de seis casas editoriais na década de 2000: a Editora Summus (1998); a Editora Metanoia (2009); a Brejeiras Malagueta (2008) e a Escândalo (2011) – ambas encerradas em 2015; a Editora Orgástica (2010) e a Hoo Editorial (2015).

Para uma parcela da crítica literária contemporânea, o uso da expressão “literatura gay” bem como a proeminência dessa literatura são imprescindíveis para a constituição de um campo de tensão e resistência frente à desimportância com que o tema da homossexualidade foi e continua a ser tratado por boa parte da crítica brasileira. De acordo com o escritor e crítico Denílson Lopes (2008), a manutenção do termo “literatura gay” contribui para instaurar e fortalecer uma ética, uma estética e uma política de enfrentamento ao regime heteronormativo, o qual, reduzindo as condutas humanas à distinção masculino/feminino, ainda é dominante no campo literário e na sociedade como um todo.

Sem deixar de reconhecer a relevância dessas produções em sua potência alternativa, mediante um cânone literário e cultural hegemonicamente heterossexual, tendemos aqui a concordar com Dário Sanchez (2010), que, em direção oposta ao pensamento de Lopes, olha com desconfiança para a proposta de uma “literatura gay”. Nos termos do pesquisador, tal proposta introduz, pelo menos, três problemas: primeiro, a crença na instauração de uma “substância gay”, de uma ontologia homossexual, que faça frente à ontologia heterossexual, mas que de fato não problematiza as relações hierárquicas de poder estabelecidas pela heteronormatividade; segundo, a homogeneização e estabilização de práticas sexuais dissidentes, as quais são diversas, múltiplas e contraditórias; e terceiro, como consequência da tentativa de estabilização daquelas práticas, a marginalização de uma série de identidades de gênero e sexuais, posto que o prefixo “homo”, funcionando como uma forma de essencialismo identitário, procura falar por outras vivências subalternizadas, sem contudo lhes dar voz, visibilidade e reconhecimento.

O essencialismo gay, como qualquer essencialismo reportado às identidades, pode se

constituir numa estratégia de ação eficaz, quando o que está em jogo é a necessidade premente das representações culturais subalternizadas negociarem com momentos de opressão e exclusão. Segundo a pensadora feminista Gayatri Spivak (2014), o “essencialismo estratégico” consiste em recorrer a uma fixação identitária provisória, a fim de se obter reconhecimento e promover políticas públicas necessárias para combater processos de subalternização. Contudo, adverte a autora, trata-se de um procedimento a ser utilizado de modo cuidadoso, em situações que demandem ações políticas urgentes e pontuais, caso contrário, pode se tornar “uma armadilha de retorno ao essencialismo substantivo”.

Substantivar a identidade, tomá-la como essência ou fundamento, remete à lógica do projeto iluminista acerca de uma existência humana unificada, centrada e coerente, conforme observado por Stuart Hall (2006). Os problemas advindos da essencialização do sujeito implicam na ilusão de uma identidade fixa, autocentrada e, conseqüentemente, na solidificação de um discurso que impede os sujeitos de se (re)conhecerem e transitarem pelas diversas marcas identitárias que os atravessam e os assujeitam. O essencialismo substantivo constitui, portanto, um equívoco, haja vista que nenhum sujeito encerra uma identidade cristalizada, fechada e suficiente a si mesma. Ao contrário, os sujeitos vivenciam múltiplos processos de identificação, que os envolvem social e historicamente. Por extensão, o essencialismo deve ser questionado e combatido porque, na condição de exercício de poder, constitui uma ferramenta de exclusão, à medida que recusa a existência de outras formulações identitárias, as quais não se encaixam nos parâmetros daquela formulação que se pretende essencializada.

Uma forma de essencialismo gay foi acionada pela população LGBT\* no Brasil dos anos 1980, quando se impôs a necessidade de enfrentar a exclusão social que assujeitava gays e lésbicas em função da pandemia da AIDS. Naquele momento, diante da violência simbólica que se abateu sobre o homossexual, levando-o a ser encarado pelo estereótipo do indivíduo doente e promíscuo, era preciso positivar a figura do gay. Para tanto, o caminho viável foi o de buscar incorporar/assimilar a comunidade de homossexuais na sociedade heterossexual, evidenciando a “igualdade” entre esses grupos, razão pela qual a militância LGBT\* da época promoveu o *slogan* “Au, au, au é legal ser homossexual” (MACRAE, 2011). Buscava-se dialogar com a sociedade através de um comportamento aceitável e, para tanto, era imperativo comportar-se como heterossexual, respeitavelmente, recalçando a homossexualidade para o âmbito exclusivo da prática sexual secreta.

Não se tratava de negar a identidade homossexual. Ao contrário: o objetivo era o de afirmá-la, de fixá-la, com vistas a lhe dar legitimidade. Contudo, essa afirmação somente lograria êxito na medida em que tal identidade se transformasse em um signo tolerável para o padrão heteronormativo. A postura assumida por aquela militância, como ressalta Edward MacRae (2011), acabava por demarcar espaços de distinção hierárquica dentro do próprio movimento gay, separando, de um lado, os gays sérios e respeitáveis, considerados superiores, que poderiam participar da família e da sociedade, e de outro, as “bichas loucas”, “fechativas”, que continuaram marginalizadas, sem acesso ao reconhecimento social, salvo quando suas imagens eram apropriadas no campo do espetáculo e do humor – o que ainda as mantinha numa posição relativamente desprivilegiada. E assim, o que poderia se constituir em um posicionamento estratégico na luta contra a opressão, resultou na perpetuação da condição de subalternidade de parcelas da população LGBT\*, população esta que deveria ser contemplada em sua diversidade, afirmativamente, sem essencialismos redutores.

Como todo processo identitário, a experiência homossexual é múltipla e complexa, razão pela qual o enquadramento linguístico da expressão “literatura gay”, adotada numa perspectiva essencializante, pode funcionar como uma armadilha, ao servir de instrumento silenciador dos diversos modos de ser “gay”. Mesmo que seja necessário e talvez inescapável valer-se daquela expressão para demarcar existências e espaços de pertencimento, é fundamental colocá-la sob rasura, para não se correr o risco de – na tentativa de viabilizar a produção específica de uma minoria política –, invisibilizar as diferenças identitárias que compreendem lésbicas, bissexuais, travestis, transexuais, transgêneros, bichas, *drags*, heterossexuais passivos, mulheres ativas, lésbicas negras, saps, mulheres masculinizadas, dentre (muitas) outras designações e suas nuances.

Diante dessas ponderações e assumindo a rasura como ferramenta de leitura, há razões para considerarmos que uma parcela da literatura gay comercializada na atualidade em muito se aproxima

daquele modelo de essencialismo identitário fomentado pela militância LGBT\* brasileira nos idos dos anos 1980. Por ter se ajustado convenientemente ao padrão heteronormativo dominante na sociedade, tal modelo parece ter adquirido um *status* institucionalizado, autorizando-se, portanto, a arbitrar sobre a maneira mais legítima de exercer a identidade gay – orientação que se repete e se dissemina no mercado literário atual, sem maiores questionamentos.

Com o intuito de examinar o modo pelo qual a literatura gay contemporânea dá continuidade ao procedimento de essencialização identitária aqui criticado, enfocaremos três produções literárias, todas publicadas pela Editora Summus, a maior e mais representativa casa editorial brasileira nesse segmento. São elas: *O terceiro travesseiro* (1998), de autoria de Nelson de Carvalho; *Longa carta para Milla* (2006), de Andrea Ormond; e *No presente* (2008), de Márcio El-Jaick. Na abordagem desses livros, distinguimos três projetos identitários neles veiculados, respectivamente. Cumpre antecipar que os projetos em pauta não são excludentes entre si e muito menos são exclusivos de cada produção a eles relacionada. Ao contrário, esses projetos perpassam, de maneira articulada, os três livros enfocados. É apenas para fins de sistematização que relacionamos cada projeto a uma fatura distinta, considerando como critério a proeminência que o projeto alcança em determinado livro.

O primeiro projeto a destacar é aquele que chamamos de **pedagógico** e que consiste em propor ensinamentos sobre *o que é e como* ser gay. É importante destacar que tal projeto não visa apenas à descrição da homossexualidade enquanto prática sexual ou identidade, mas pretende oferecer um guia comportamental de como apreender uma “identidade singular”.

Como já constatou a pesquisadora Guacira Louro (2001), todas as experiências de gênero se dão de modo pedagógico, pelo ensinamento, aprendizado e vigilância das formas socialmente aceitas de se viver o gênero e a sexualidade. O princípio da pedagogia da sexualidade reside na constante reiteração dos atos performáticos, os quais, conforme Judith Butler (2015), são construídos através da repetição discursiva do gênero. Essa reiteração é chamada de performatividade de gênero e age silenciosamente na composição genereficada dos corpos dos sujeitos e em seus processos de subjetivação.

No caso da literatura gay aqui enfocada, é reforçada a fórmula binária masculino/feminino, hetero/homo, acorrentando os sujeitos em formulações identitárias estáveis e fixas, as quais tomam por base os conceitos de “normal” e “natural”, oriundos dos discursos médicos e higienistas do século XIX. Sendo assim, a performatividade sexual orientada nesse projeto pedagógico situa o discurso hegemônico da heterossexualidade como a regra, restando à identificação homossexual ocupar o lugar do desvio. Tal direcionamento acaba por não contribuir para um registro literário mais potente, questionador e subversivo acerca das identidades sexuais e de gênero.

O romance *No presente*, de Márcio El-Jaick, por exemplo, narra a história do garoto André, de dez anos, que, em função das diversas situações de homofobia sofridas na escola, tenta descobrir o que significa ser “boiola” – termo utilizado no romance. No texto narrado em primeira pessoa, o narrador-personagem André vai nos contando a sua vida, os dramas vividos por sua família e como aprende na escola, através do convívio com seus colegas, que ser “boiola” é muito ruim. Mesmo sem saber ainda o significado de expressões como “gay”, “homossexual”, “viado”, André começava a interiorizar o quão nefasto era para um menino do sexo masculino ser considerado uma “bichinha”.

E abriu na primeira página, e lembrei que talvez desse para ler o “bichinha” que alguém tinha escrito a lápis, porque por mais que eu tivesse apagado, as letrinhas tinha ficado marcadas no papel, e eu quase não conseguia respirar direito, porque a mãe ia ficar muito aborrecida [...] (EL-JAICK, 2011, p. 13).

No fragmento acima, o garoto teme que sua mãe veja em seu caderno a injúria “bichinha”, escrita por algum colega, pois ele começa a entender que ser apontado por essa expressão, em um ambiente heterocentrado e masculinista, era se tornar motivo de humilhação pública. Por isso, no romance, é evidente o misto de sentimentos de vergonha e de medo envolvendo André, principalmente diante da possibilidade de ser descoberto por sua mãe.

Ao ser confrontado pelos colegas de classe, ele começa uma investigação para compreender o que significa ser “boiola” e “bichinha” e o que essas palavras carregavam de tão negativo. É assim que descobre sobre a homossexualidade do seu tio, que era soro positivo e morreu recentemente. André acredita que poderá aprender o significado das palavras que o perseguiram a partir da memória afetiva do tio e de seus pertences:

Só quando eu já estava ali no closet do tio Ivan, dentro do quarto onde ficavam todas as coisas do tio Ivan, onde eu poderia ver o que eu quisesse, foi quando me dei conta de que eu não sabia o que procurar, por que eu não sabia o que fazia de um boiola um boiola, de modo que me senti um grande idiota [...] (EL-JAICK, 2008, p. 60).

O romance ilustra como construímos as identidades de gênero, as suas interdições e limites, os quais edificam os corpos para funcionarem dentro da binaridade sexual. Conforme afirma Judith Butler (2015), a prática reiterativa de gênero é fundamental para que a matriz de inteligibilidade sexual funcione. No romance, uma passagem em especial demonstra bem como funciona essa dimensão performativa. Trata-se do trecho de um diálogo entre o narrador-personagem e seus amigos da escola:

— Se você fosse um mutante, que mutante você seria?

E eu queria responder a Mística, por que seria muito bom poder ser quem eu quisesse e por que eu não precisaria ser só eu, que às vezes cansa. Mas achei que os meninos implicariam comigo, e a última coisa que eu queria era que implicassem comigo, aí respondi Ciclope (EL-JAICK, 2008, p. 29).

O desejo de André era o de poder ser quem quisesse ou, especialmente, poder não se fixar apenas em uma identidade – “eu”. Contudo, diante da resposta exigida, quando escolhe ser Ciclope ao invés de Mística, personagens da história em quadrinhos *X-Men*, ele reconhece, intuitivamente, que, ao assujeitar-se a uma identificação masculina e não feminina, escapará da humilhação e da injúria social diante dos colegas. Essa forma violenta com que a masculinidade é ensinada e performaticamente introjetada no corpo de André pode ser flagrada em muitos momentos na narrativa: quando ele deixa de tocar piano para que os seus colegas não o chamem de “bichinha”; quando manifesta o medo de morrer de AIDS como o seu tio ou o medo de “não ser normal” e decepcionar seus pais; quando demonstra o receio de perder seu melhor amigo e também de desejá-lo; acrescentando-se ainda o pavor ser castigado por Deus. Em alguns momentos, André deixa escapar, através de seus pensamentos, como o projeto da masculinidade não deu certo com ele, visto que não conseguia se enquadrar nas normas do que “ser homem” exigia, a exemplo do que se pode notar na seguinte passagem:

De modo que, quando o Mateus e eu chegamos em casa, o Mateus começou a falar em voz baixa do que teria feito se tivesse dançado uma música lenta com alguma menina, por que ele teria esfregado o pinto duro contra a xoxota da menina. E falei que era isso que eu tinha feito, que eu tinha esfregado meu pinto duro contra a xoxota de Fernanda Dias, embora isso não fosse verdade [...] (EL-JAICK, 2008, p. 99).

No romance, mesmo com a tentativa de denunciar como a violência homofóbica é nefasta aos sujeitos, o projeto pedagógico da homossexualidade leva a reiterar, pedagogicamente, discursos masculinistas e heterocentrados. O fragmento acima revela um exemplo máximo do falocentrismo, quando um garoto tenta roçar o pinto duro contra a xoxota de uma garota, muitas vezes sem o seu consentimento, apenas para a exibição da masculinidade. E tal comportamento é comumente aplaudido, tornando-se uma espécie de senha de pertencimento grupal masculino. Ser gay, nesse contexto, é pertencer ao universo feminino e, logo, não ser homem.

A narrativa nos conduz a acreditar que André conseguiu compreender e lidar com a

“descoberta” da sua própria sexualidade, sendo, para isso, fundamental a amizade com Ricardo, namorado do seu tio. Contudo, contrariamente ao que se poderia esperar de uma liberdade conquistada, a homossexualidade continua a ser tratada no âmbito da natureza e da anormalidade, como se vê no seguinte diálogo:

— Sabe qual foi a melhor coisa que podia ter acontecido na minha vida?

— Não.

E o Maurício disse:

— Foi eu ter nascido gay.

[...]

— Por quê?

— Porque vivi muitas coisas com as quais um hétero nem sonharia.

— O que é um hétero?

— Heterossexual. O homem que gosta de mulher. E a mulher que gosta de homem.

De modo que eram as pessoas normais (EL-JAICK, 2008, p. 126).

A conversa se inicia com a promessa de positivar o sentido de ser gay, a partir da vastidão de experiências que o ato de viver essa identidade pode proporcionar. Contudo, a positivação torna-se impossível de realizar, diante da conclusão de que os “héteros” é que são as pessoas normais. Desse modo, o romance, mesmo desvelando como pedagogicamente somos todas inseridas e inseridos no mundo da inteligibilidade de gênero, termina por não desconstruir a compreensão da “naturalidade do sexo”, do biologismo, nem retirar a heterossexualidade da zona de “normalidade” sexual, reiterando, assim, pedagogicamente um discurso falocentrista e heterocentrista. A própria narrativa pretende ensinar a como exercer a identidade gay. Porém, faz isso através do reforço de dicotomias que deveriam ser desmontadas com urgência, a fim de questionar padrões sexuais promotores de exclusões.

O segundo projeto identificado em exemplares da literatura gay é o de **engajamento**, cuja função é direcionar os sujeitos não heterossexuais a “sair do armário” e, sobretudo, a abraçar a identidade como uma causa a ser seguida e defendida. A ideia é oferecer ao público uma trama com personagens LGBT\* coerentes, que passam por dúvidas em relação à sua sexualidade, mas que, ao final, assumem-se gays ou lésbicas e, só assim, encontram o seu lugar no mundo, a sua razão de ser. Dado o seu teor impositivo, o projeto de engajamento é aquele em que melhor se desenham os pressupostos de um essencialismo identitário.

O livro aqui em pauta é o romance de Andréa Ormond, *Longa carta para Mila*, lançado em 2006, que, de maneira singular, desvia-se da abordagem hegemônica na literatura gay, a da homossexualidade masculina, e apresenta uma narrativa lésbica, com muitas cenas de sexo detalhadas entre mulheres. Narrado em primeira pessoa, no formato de carta, Cris, a narradora-personagem, escreve para a sua atual noiva, já quase esposa, contando sobre a sua experiência ao descobrir-se lésbica, sobre os seus conflitos e relacionamentos amorosos e sexuais.

A tônica do romance de Andréa Ormond consiste na construção identitária que posteriormente envereda para um engajamento militante, visto que Cris, estudante de Direito numa faculdade do Rio de Janeiro, forma-se na tentativa de lutar pelos direitos da comunidade de gays e lésbicas: “‘Eu sou lésbica e pronto’, concluí, e precisava eleger minhas prioridades a partir da certeza da minha verdadeira essência” (ORMOND, 2006, p. 23). Note-se que, mesmo reivindicando para si a identidade lésbica, Cris ainda continuava “no armário”, aos olhos de sua mãe.

A sua atuação no curso de Direito já indicava um posicionamento favorável às causas LGBT\*, no que tange ao direito ao casamento civil, a partir do artigo 5º da Constituição Federal de 1988 e do discurso de igualdade e normalidade: “Somos humanos, somos normais” (ORMOND, 2006, p. 39). A luta identitária enfoca a busca por uma relação de igualdade jurídica para os homossexuais,

a partir dos pressupostos jurídicos disponíveis, como o casamento, por exemplo. Contudo, à semelhança do que ocorre no âmbito da militância LGBT\*, Cris não questiona o porquê da união civil proposta ser exatamente a união baseada na família nuclear burguesa: “justamente uma das instituições que tanto colaborou e ainda colabora para a subalternização daqueles que não são heterossexuais”, como observa o pesquisador Leandro Colling (2015, p. 30). A narrativa também não coloca em debate o ideal de humanidade que desumaniza identidades sexuais e de gênero fora dos limites de “aceitação” social do que vem a ser um gay ou uma lésbica possuidores de direitos.

Reconhecer-se lésbica foi fundamental na vida da protagonista de *Longa carta para Mila*: ela encontrou novos afetos, amigos e amigas gays, lésbicas e heterossexuais simpatizantes, além de vivenciar novas experiências sexuais, como o sexo em boates com desconhecidas, o *voyeurismo*, inclusive o *ménage à trois* e o *dark room*<sup>2</sup>. No entanto, mesmo subvertendo a lógica normativa da sexualidade, a partir do desejo lésbico e de práticas sexuais dissidentes, o sonho da narradora-personagem é o amor e um relacionamento monogâmico:

Acabei sendo franca: “Felipe, eu sou lésbica”. “Eu sei”, disse ele, “mas eu pensei que...”. “Desculpa”, completei, “mas quero me apaixonar e casar com uma mulher, é este o meu objetivo de vida (ORMOND, 2006, p. 23).

A presença do amor romântico é a linha que atravessa e costura toda a narrativa. O sexo sem compromisso, com muitas parceiras, é encarado como uma fase de transição para uma vida mais estável, feliz e realizada. Inclusive, após um sexo grupal em um *dark room* de Londres, a amiga de Cris chama-lhe a atenção para o perigo de tais práticas e a possibilidade de ter contraído alguma doença. E a narradora-personagem conclui: “Diante daquilo, eu fiquei arrasada. Carmem tinha toda razão: na voracidade de viver, eu tinha posto o meu bem-estar em risco. De qualquer forma, só podia fazer o teste algumas semanas depois, quando já estivesse de volta ao Brasil” (ORMOND, 2006, p. 47).

Ao longo do romance, Cris vive um amor com a personagem Joana, uma menina mais jovem do que ela, com quem acredita que passará o resto de sua vida. Entretanto, Joana, mesmo correspondendo a esse afeto, não constrói para si uma identidade lésbica e um engajamento militante, o que leva Cris a iniciar uma trajetória de fixação identitária em sua namorada:

Eu precisava de alguma forma discutir aquilo com ela. Não era possível alguém se apaixonar por uma mulher, mesmo que fosse apenas uma vez na vida, e fingir que não é lésbica. “Tapar o sol com a peneira”, acabei explodindo, “você é lésbica sim, Joana, e quero que você assuma isso” (ORMOND, 2006, p. 67).

Conforme o fragmento acima, na tentativa de “conscientizar” Joana, o discurso de Cris está para muito além de um encorajamento: parece mais uma camisa de força. Tal gesto controlador negligencia o fato de que “assumir-se lésbica”, ou qualquer outra identificação marginalizada, corresponde a um ato político deliberado, que precisa fazer sentido para os sujeitos que irão incorporar a identidade em questão.

Obviamente, a postura de Joana, quando não se enxerga lésbica, pode representar a não aceitação de uma identificação subalternizada, o que a levaria a “fingir não ser lésbica”, demanda que corresponderia ao enquadramento heteronormativo. No entanto, a forma opressora, impositiva e autoritária com a qual a narradora-personagem reclama a identidade lésbica para sua namorada, bem como a necessidade desse reconhecimento identitário homossexual para que Joana ame-a e deseje-a, vem implicar no apagamento da singularidade do desejo sexual de Joana. Ao invés de deliberar uma possibilidade de amor e desejo fora dos escopos de fixidez das identidades, o posicionamento autoritário de Cris, justificado como uma iniciativa de escapar à heteronormatividade, acaba por reiterar normas, as quais, no fundo, reproduzem a opressão heteronormativa que se visa denunciar.

2 Termo em inglês que significa quarto escuro. Geralmente, são lugares localizados em boates, propícios para práticas sexuais coletivas ou individuais.

Vincular-se a uma identidade estável e segura, a partir do encontro com sua alma gêmea, do amor romântico, com finais felizes e casamento, é uma constante no romance. Nota-se uma inferiorização do sexo casual e da prostituição, ao situá-los como relações indignas, menores, superficiais, sem previsão de felicidade. Na narrativa, após os dramas, encontros e desencontros amorosos, a personagem Cris finalmente localiza a sua alma gêmea, aquela que será sua esposa e com quem terá o seu “final feliz”. O texto reproduz, assim, o ideal de amor romântico, fruto do pensamento burguês oitocentista, que foi historicamente naturalizado como condição existencial das mulheres. A relação amorosa e o romantismo funcionavam como signos de satisfação e sucesso pessoal femininos, enquanto aos homens cabia a prática mercantil, científica e pública. Além de imputar uma felicidade baseada na realização do amor romântico, o casamento era a comprovação necessária para a aceitação social e a construção ou manutenção de um *status quo* de legitimidade (DEL PRIORE, 2012).

O amor lésbico, representado no romance, corresponde ao ideário do amor romântico burguês: o casamento simbolizando a união entre duas almas que se amam e se completam, evidenciando a divisão hierárquica platônica entre a elegância do amor e a mortificação do desejo carnal. Longe de buscar apenas representar os conflitos e dramas vivenciados pela comunidade lésbica, como a princípio se poderia presumir, a proposta é justamente oferecer ao público leitor, sobretudo ao público lésbico, uma possibilidade de reler suas histórias de maneira supostamente “positiva”, sendo que o amor romântico é a ferramenta para atingir essa aura de positividade.

Ao buscar trazer para a literatura um discurso que projeta a homossexualidade de maneira assertiva, o projeto de engajamento identitário defendido em *Longa carta para Mila* aciona o viés autoritário que, em nome de uma política de minorias, acaba reduzindo a identidade homossexual a um molde, sob a forma de um aprisionamento. Por ironia, tal projeto também não escapa à idealização do amor romântico, monogâmico, à qual toda mente crítica e engajada deveria questionar, tendo em vista que essa visão do amor atende a interesses da cultura heteronormativa e dominante. Em ambos os aspectos, anula-se a possibilidade de se pensar na fluidez, nos escapes e contradições que permeiam os processos de identificação dos sujeitos.

O projeto **assimilacionista** é o terceiro que emerge nas produções literárias aqui enfocadas, alcançando destaque no livro *O terceiro travesseiro*, de Nelson Luiz de Carvalho, cuja publicação, em 1998, levou-o a ser posteriormente consagrado como o marco de abertura da literatura ficcional gay no Brasil, no gênero romance. Até 2010, o título já contava com mais de 15 mil exemplares vendidos e está atualmente em sua décima edição, sendo considerado um *best-seller* de literatura brasileira gay.

O livro narra o processo de “descoberta” da homossexualidade do narrador-personagem, Marcus, um garoto que se percebe homossexual desde os treze anos, mas que aos dezesseis se apaixona e vive uma história de amor com Renato, o seu amigo da escola. Como nos outros dois romances abordados, toda a narração se desenvolve em primeira pessoa, no formato confessional de diário, atendendo, assim, ao que afirmam Denilson Lopes (2008) e Roberto Muniz Dias (2013) quando observam que a marca principal das narrativas da “literatura gay” é a ligação entre vida e obra nos registros textuais. A relação com a vida, contudo, não implica que se trate aí de um texto biográfico. Mais do que um relato testemunhal, trata-se da experiência subjetiva a ser compartilhada por um grupo específico, razão pela qual o recurso à primeira pessoa da narração torna-se recorrente.

Além dessa característica, *O terceiro travesseiro* possui a estrutura narrativa marcada por uma linguagem direta, bastante acessível, com muitos “toques” poéticos, o que o torna bastante atraente à leitura. A trama não está ambientada numa cidade específica, mas dá sinais de que se desenrola em um espaço urbano. E já na primeira página, é possível compreender as inquietudes do narrador-personagem:

Estou aqui, tentando estudar para a prova de português, mas não consigo prestar atenção na matéria. O que será que está errado? Será que eu tenho algum problema? Não é possível. Já sou um cara adulto, tenho 16 anos e sou normal. De qualquer forma, estes pensamentos são meus, gosto de tê-los e ninguém nunca vai saber (CARVALHO, 2007, p. 13).

Após olhar o amigo Renato e sentir vontade de beijá-lo, motivo que o leva a não conseguir se concentrar nos estudos, o narrador apresenta seus pensamentos. A inquietação por se sentir fora dos parâmetros de “normalidade” e considerar isso um erro é evidente. Reconforta-se, portanto, em saber que “ninguém nunca vai saber” dos pensamentos “errados”.

É interessante como as pessoas fazem um juízo errado de caras como eu. Quando se pensa em alguém assim, logo se imagina que o cara gosta de se vestir de mulher, gosta de “dar” e gosta de qualquer homem. E isso, pelo menos pra mim, não é verdade (CARVALHO, 2007, p. 22).

O discurso presente no fragmento acima situa o narrador-personagem na posição do homossexual que não se confunde com o gay de comportamento “incorreto” ou indigno, pois ele se enxerga como alguém que não é promíscuo, que busca por uma relação estável, não “gosta de dar” o cu e muito menos “quer se vestir de mulher”. Ao afirmar que as “pessoas fazem um juízo errado de caras como eu”, ele expressa a tentativa de denunciar a violência simbólica dos estereótipos negativos atribuídos à população gay. Contudo, em meio a esse discurso pretensamente crítico, o narrador-personagem sucumbe à força do estereótipo, pois não consegue enxergar nas “atitudes gays” que elenca como negativas algo além do que é ditado pelo padrão heteronormativo. E assim, acaba por reiterar o lugar da margem e do assujeitamento para aqueles indivíduos que – também homossexuais, mas diferentemente dele –, não se submetem ao padrão e podem muito bem viver a sua sexualidade da maneira que lhes aprouver.

Na narrativa, a relação dos garotos é marcada pelo desejo e pela afetividade, com muitas declarações de amor, demarcando uma identidade “não promíscua”, dentro das normas de legitimidade do romance romântico. Assim como nas narrativas burguesas de folhetim do início do século XIX, a trama se encaminha para um namoro, com as expectativas, os sofrimentos, encontros e desencontros do amor. E o “armário”, então, será o local seguro para manter intocável a relação dos dois.

A postura do narrador-personagem Marcus, ao pretender representar a vida de um garoto que está tentando compreender seus desejos, acaba por formatar um padrão de descoberta culposa e de legitimação da negação, haja vista que o desejo homossexual é encarado como um erro a ser escondido. O conflito entre a aceitação da identidade gay e a fuga para uma “normalidade heterossexual” perdura no romance quase todo, o que se expressa sobretudo na passagem em que Marcus divaga sobre o que entende ser a sua integração à sociedade: “o que eu queria mesmo era levar uma vida normal, sem mentiras, estando com a pessoa de que gosto e podendo mostrar aos outros o que realmente sentia” (CARVALHO, 2007, p. 16). Ao buscar ter uma vida “normal”, isto é, poder ingressar na sociedade e ser por ela aceito ou assimilado, compreende-se que o pressuposto da “normalidade” requerida centra-se na tentativa de ter uma vivência forjada pela ótica heterossexual.

O romance de Nelson Luiz de Carvalho repete, assim, o investimento na assimilação identitária, a qual foi buscada (e jamais alcançada) pela militância gay da década de 1980, e que, como ressaltam Richard Miskolci (2011) e Leandro Colling (2015), ainda ecoa no discurso da militância LGBT\* institucionalizada no Brasil. Os defensores dessa busca parecem esquecer que o princípio assimilacionista de integração social, alimentado pela crença de que “Somos todos iguais”, consolida mais uma prática de apagamento das diferenças, permitindo que a identidade heterossexual continue a gozar de sua posição hegemônica.

Os três romances enfocados são produzidos no sentido de positivar os personagens gays, atribuindo-lhes um lugar na história como sujeitos, através de descrições humanizadas e sentimentos que vêm à tona por meio de um discurso majoritariamente confessional. Contudo, nota-se a edificação de uma essência, de uma “substância gay” a envolver as identidades, reiterando o pensamento binário e desigual da cultura heteronormativa: gay másculo *versus* gay afeminado; lésbica romântica *versus* lésbica promíscua; homem heterossexual *versus* homem homossexual. Na ânsia por defender a imagem do homossexual respeitável, não há espaço para as formulações identitárias que aí não se encaixam e que continuam a ocupar, portanto, o lugar das margens, do não visto, do não dito.

Nesses romances, as características das personagens, tais como classe social e econômica, cor, formação religiosa, estrutura familiar, vão sendo reveladas à medida que a leitura vai se desenvolvendo. É notável que as personagens principais, bem como o seu grupo de familiares, amigos e amigas, gozem das facilidades de uma vida confortável, dentro dos padrões convencionais da família tradicional brasileira: moram com os pais (mãe e pai); são geralmente atuantes na comunidade cristã; no contexto familiar reúnem-se em festas ocasionais, sem conflitos ou problemas. Há um reforço da imagem da família patriarcal, com pais que trabalham fora de casa e mães que, sendo as únicas responsáveis pela criação dos filhos e filhas, trabalham em casa ou em eventos religiosos. Apenas no romance *Longa carta para Mila* a personagem Cris é criada só pela mãe, sem uma referência paterna.

É importante situar esse lugar de fala dos personagens, pois, no contato com o texto literário, leitores e leitoras criam subjetivamente uma relação de identificação com tais personagens e suas experiências vividas. O lugar de fala permite que compreendamos o posicionamento político e identitário frente às situações que vão surgindo no caminho. Nessas narrativas abordadas, “ser gay” localiza os personagens numa condição marginal em relação ao discurso heterossexual e hegemônico. Contudo, a marginalidade estanca nesse ponto, pois, no mais, eles participam do banquete da dominação social branca, cristã, pertencente a um modelo de família brasileira classe média e rica.

Nos três romances, os momentos de maior tensão são os de violência homofóbica sofrida pelos personagens, a qual é provocada principalmente por seus pais. Em *O terceiro travesseiro*, entretanto, no rastro desta violência, outras opressões mais silenciosas vão ocorrendo, como a rejeição em ser chamado de bicha, o pedido de desculpa por ser “desse jeito”, por achar que a homossexualidade é um problema, por criar nichos de subalternidade em relação a outras identidades de gênero, a exemplo das pessoas “trans”. Acrescente-se a esta lista o projeto assimilacionista, deflagrado na crença do personagem de que precisa ser sempre o melhor em tudo, ser o bom filho, a melhor pessoa, enfim, na crença de que precisa desculpar-se com o mundo pelo “erro” do desejo homossexual, conforme é possível observar no fragmento abaixo:

– Pai, não fale nada agora. Me deixe falar. O senhor não precisa se desculpar. Eu tenho consciência do tamanho do problema que joguei para vocês. Se existisse no mundo alguma forma de modificar este sentimento, eu o faria. Para mim isso tudo é muito doloroso. [...] O que sinto, pai, vem de dentro de mim. Acho que nada pode mudar isso. Sabe, pai, continuo sendo a mesma pessoa, estudo, tenho boa educação, respeito os mais velhos, não fumo, não uso drogas e não sou promíscuo. Sabe, pai, apesar de sentir o que sinto, eu sou homem. Nunca vou me vestir de mulher. Nunca vou querer usar calcinha. Eu gosto de ser homem. Ontem o senhor me chamou de bicha. Essa palavra dói muito. Não quero carregar comigo nenhum rótulo (CARVALHO, 2007, p. 49-50).

Conforme Dário Sánchez (2010), na tentativa de contestação da violência homofóbica institucionalizada, o investimento na assimilação da identidade homossexual pela sociedade, presente nesse romance e também em outros mais, acaba por reforçar violências simbólicas contra a população que tais produções literárias dizem representar:

Ora, se é na interação com o texto, a partir da experiência da leitura, que os sujeitos (re) avaliam e (re)constróem os significados de suas práticas, permitindo que sejam constantemente confrontados por valores e crenças subjetivas, é então este o momento e o lugar de uma produção literária mais emancipadora. Nos romances aqui abordados, os quais veiculam a identidade gay a partir de um projeto pedagógico, de engajamento ou assimilacionista, a visibilidade pretendida funciona para projetar a caricatura do homossexual bem-comportado, respeitável, sendo flagrante o apagamento, através da ausência ou da negação, de personagens que representam gêneros inconformes.

Reconhecemos a importância de produções literárias que abordem temas vinculados às sexualidades dissidentes, principalmente se tais produções são comercializadas e consumidas em

ampla escala, com entrada inclusive no espaço escolar, a exemplo do que ocorre com o romance *No presente*. Também não negligenciamos a potência e originalidade do romance *Longa carta para Mila*, que aborda tão abertamente os relacionamentos lésbicos. E muito menos pretendemos passar ao largo da forma sensível através da qual *O terceiro travesseiro* narra os conflitos familiares e as dificuldades enfrentadas por homens gays ao reivindicarem sua identidade. Contudo, admitir a importância desses romances, especialmente no que diz respeito ao seu lugar na construção de um cânone paralelo, não implica em deixar de questionar os limites que o projeto editorial de uma “literatura gay” encerra, na medida em que a identidade gay é tomada como uma essência, cuja edificação encontra-se ainda atrelada ao paradigma da cultura heteronormativa.

O desejo aqui é o de que futuras produções ampliem o arco de visão para as representações das demais subalternidades, as quais continuam sendo negligenciadas e esquecidas no campo das políticas identitárias instituídas, sejam tais políticas oriundas de movimentos de militância ou disponibilizadas nas ofertas do mercado editorial. Que essas subalternidades possam invadir os romances com personagens de bichas “molinhas”, de gays negros e negras, de lésbicas, prostitutas, mulheres “masculinizadas”, gordas, de transformistas, travestis, transexuais – figuras periféricas regadas a muito empoderamento, resistência e “fechação”, com a certeza de que não irão embarcar em um enquadramento identitário que as/os aprisione.

## Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

CARVALHO, Nelson Luiz. **O terceiro travesseiro**. São Paulo: GLS, 2007.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre movimento LGBT\*\* e ativismo queer**. Salvador: Edufba, 2015.

GONTIJO, Yale. Livros com temática gay ganham espaço no mercado editorial. **Correio Braziliense**, Brasília, 12 mai. 2010. Disponibilidade em: [http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/05/12/interna\\_diversao\\_arte,191851/index.shtml](http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2010/05/12/interna_diversao_arte,191851/index.shtml) Acesso em: 12 fev. 2016.

DEL PRIORE, M. **História do Amor no Brasil**. Contexto: São Paulo, 2012.

EDITORA DE LITERATURA.... **Editora de literatura gay exporta para 50 países**, 2014. Disponibilidade em: <http://comunidade.jn.pt/blogs/babel/archive/2014/03/26/editora-de-literatura-gay-exporta-para-50-pa-237-ses.aspx> Acesso em: 09 fev. 2016.

EL-JAICK, Márcio. **No presente**. São Paulo: GLS, 2008.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T.; HALL, S.; WOODWARD, K. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOO EDITORA. **Sobre a Hoo**, 2015. Disponibilidade em: <http://www.hooeditora.com.br/sobre/> Acesso em: 18. Jul. 2016.

LOPES, Denílson. Silvano Santiago, Estudos Culturais e Estudos LGBT\* no Brasil. **Iberoamericana**, v. 74, n. 225, p. 943-957, oct./dez. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria *Queer*: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n. 2, jun./dez. 2001.

MACRAE, Edward. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: COLLING, Leandro (Org.).

**Stonewall: 40 + o que no Brasil.** Salvador: Edufba, 2011. Coleção CULT.

MISKOLCI, Richard. Não somos, queremos: reflexões *queer* sobre a política sexual brasileira contemporânea. In: COLLING, Leandro (Org.). **Stonewall: 40 + o que no Brasil.** Salvador: Edufba, 2011. Coleção CULT.

FILGUEIRAS, Mariana. Editoras apostam em literatura intanto-juvenil gay. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 jul. 2014. Disponibilidade em: <https://oglobo.globo.com/cultura/livros/editoras-apostam-em-literatura-infanto-juvenil-gay-13244487> Acesso em: 17 fev. 2016.

ORMOND, Andréa. **Longa carta para Mila.** São Paulo: GLS, 2006.

SÁNCHEZ, Darío. **Pervertidos, bichas e entendidos: identidade homossexual no romance latino-americano.** Recife: Universitária UFPE, 2012.

SCHOLLAMMER, Karl E. **Ficção brasileira contemporânea.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

SPIVAK, Gayatri C. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: UFMG, 2014.

Recebido em 5 de novembro de 2017.

Aceito em 11 de dezembro de 2017.